

## LEITURA COMO SUPORTE PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL

Freda Indursky (UFRGS)

Maria Alice Kauer Zinn (UFRGS)

No momento em que nos propomos a trabalhar a Língua Portuguesa sob o enfoque da leitura como suporte para a produção textual, faz-se necessário examinar o contexto educacional em que este ensino se realiza. Neste contexto, é preciso destacar o papel da instituição escola e, no seu interior, as figuras do professor e do aluno bem como suas inter-relações.

Grande parte das escolas públicas, desvinculadas da realidade do aluno, apresentam um ensino massificado que dissimula as diferenças sociais.

Estas são características de uma política governamental que não privilegia a educação, não dotando verbas, não criando bibliotecas, não atualizando o acervo daquelas existentes, não as provendo de profissionais especializados capazes de implantar, difundir e dinamizar o hábito de leitura.

Neste âmbito, os alunos não conhecem a sua realidade, não lêem, nem sabem ler, não redigem: não possuem senso crítico. Em decorrência, constituem uma massa amorfa e passiva. Estes alunos são o produto do trabalho do professor que também não lê, não faz uma análise crítica de sua realidade e, conseqüentemente, fecha-se o círculo vicioso de uma educação alienante que reproduz indefinidamente, e cada vez mais, pessoas acrílicas, acomodadas e submissas.

No entanto, dizer que a leitura não é praticada na escola, por professores e alunos, pode parecer absurdo, se considerarmos que o papel precípua da escola consiste justamente na instrumentalização do aluno para que ele possa ter acesso ao acervo científico-cultural da humanidade, registrado pela linguagem escrita. Cabe então questionar o tipo de leitura que é ensinado na escola. Muitos estabelecem um elo de causa e conseqüência entre processo de alfabetização e leitor efetivo. Nada mais falso. A alfabetização faculta ao homem associar sons e letras, decodificar palavras, formar frases e períodos. Entretanto, este processo por si só não lhe possibilita conferir sentido ao que lê. A leitura proposta pela escola é uma leitura mecânica, padronizada, linear; realizada apenas em nível de identificação. A leitura é um projeto programado pelo professor para obter uma resposta única e universal. O aluno lê apenas para reter conhecimentos, sem conferir sentido ao que lê, sem questionar e sem posicionar-se. Vista sob este prisma, a leitura não é fonte de prazer nem se reveste de significância para o universo do educando e, na relação professor/aluno, ela re-

produz a atitude autoritária e de dominação existente na sociedade.

Não é neste sentido que propomos o trabalho de leitura. Pretendemos que, através da leitura, o aluno assumira uma postura crítica. Ler criticamente é admitir pluralidade de interpretação, desvelar significados ocultos, resgatar a consciência do mundo, estabelecendo, por meio dela, uma relação dialética com o texto.

A leitura, desta forma, reveste-se de significado, torna-se um processo que permite uma relação dinâmica entre professor e aluno, onde estes estabelecem trocas entre si e se enriquecem mutuamente. Ler torna-se, assim, uma relação discursiva onde ambos exercem alternadamente a função de sujeito sem sujeitar-se: aluno e professor interagem através do ato de ler.

Assim considerada, a leitura desacomoda o aluno: ele questiona, critica, posiciona-se. Debruçando-se criticamente sobre sua realidade, desvela-a e desvela-se, aumentando sua capacidade de compreender o mundo, o que traz como consequência a ampliação de seu universo cultural.

O leitor, sujeito de uma leitura dinâmica e não paciente de uma leitura padronizada, recebe muitas informações que constituem seu referencial. O sujeito-leitor interage com o texto, relaciona-se dinamicamente com ele, estabelece trocas, analisa, questiona, capacitando-se para selecionar dados significativos desta experiência. Somente então, ultrapassada esta etapa, ele terá condições de posicionar-se, ou seja, exercer-se criticamente.

Cabe aqui explicitar o conceito de texto sobre o qual se processará a produção de leitura. Entendemos que tudo o que faz parte do contexto em que o homem vive é passível de leitura: ilustrações, músicas, publicidade e textos propriamente ditos, etc. Assim, conceituamos texto, conforme Ferreira, como uma unidade significativa complexa, de natureza não apenas lingüística, mas comunicacional, na qual intervem elementos contextuais em sentido amplo.

#### Metodologia para a produção de leitura

Se a leitura, numa perspectiva crítica, se estabelece sobre a análise e o conseqüente questionamento do texto, faz-se necessário explicitar a metodologia, no nosso entender adequada, que propicia atingir nosso propósito. Para realizar a produção de leitura, propomos as seguintes etapas.

1 LEITURA COMPREENSIVA

Visa à apreensão do texto em sua globalidade.

2 LEITURA INTERPRETATIVA

Visa, através de um processo analítico, à descontextualização e recontextualização de elementos do texto, para desvelar seus significados.

## 2.1 Relações textuais

- 2.1.1 Levantamento das idéias e dos argumentos (razões) que o autor utiliza para defender sua posição.
- 2.1.2 Levantamento dos operadores lingüísticos da argumentação (nexos lingüísticos, tempos e modos verbais, pronomes, advérbios...), seleção vocabular, expressões lexicais, repetições ou supressões, com vistas a perceber a construção do texto, através das seqüências que o estruturam.
- 2.1.3 Explicitação dos implícitos do texto - levantamento de subentendidos, pressupostos e inferências.

## 2.2 Relações contextuais

Determinação da situação de produção e da situação sócio-político-econômica, do contexto histórico-cultural e suas relações com o texto.

## 2.3 Relações intertextuais

Relações estabelecidas com outros textos (contínuo discursivo) e propiciadas pelo contexto.

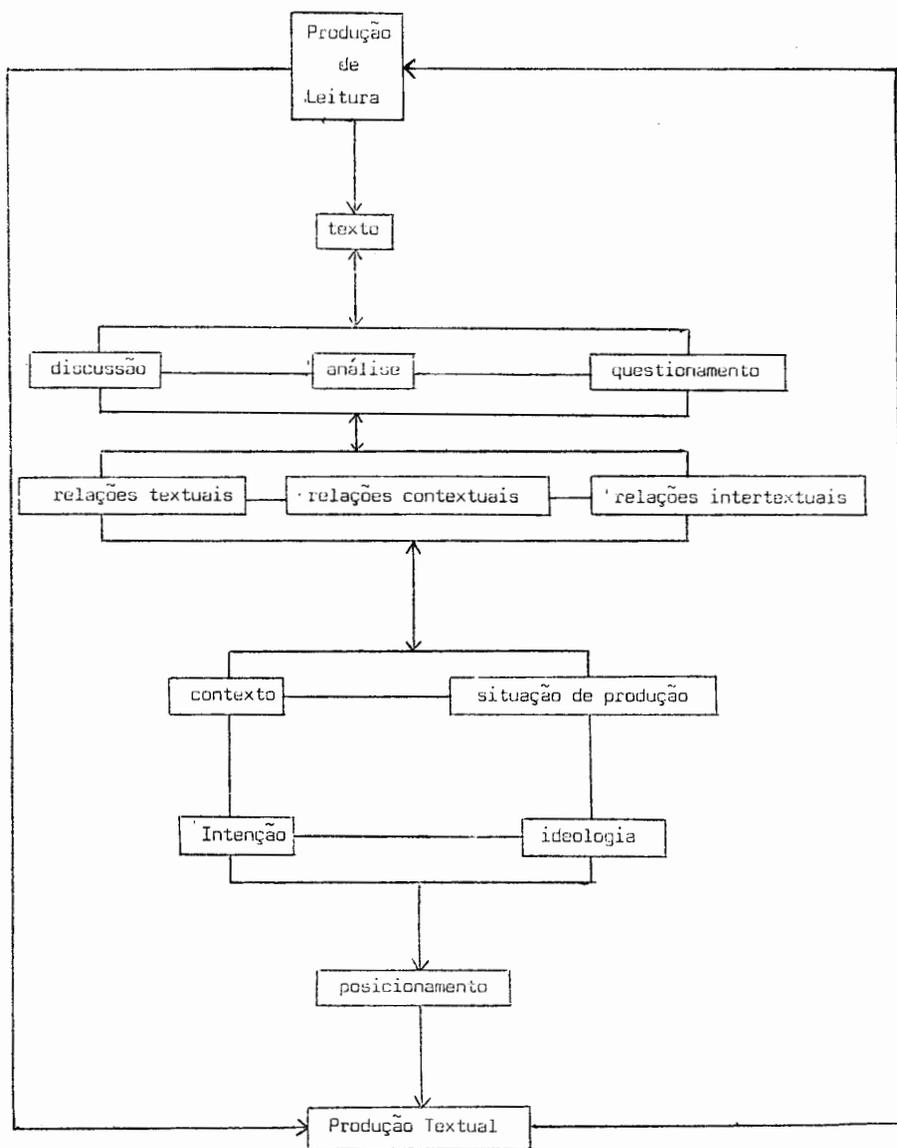
## 3 LEITURA CRÍTICA

Visa, num processo de síntese, a estabelecer conclusões acerca da intencionalidade do texto e da ideologia que lhe subjaz. Isto permite ao sujeito-leitor posicionar-se criticamente, isto é, ele torna-se capaz de concordar, discordar e apontar alternativas próprias, completando o ciclo de sua produção de leitura.

Assim, produção de leitura consiste no processo de interpretação, desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa-o e questiona-o com o objetivo de processar seu significado, projetando sobre ele sua visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto.

A proposta de produção de leitura, acima esboçada, constitui-se num pré-requisito básico e em um caminho metodológico para a produção textual, o que possibilita ao indivíduo sentir-se capaz de produzir um texto do qual ele se considere sujeito.

No gráfico que segue, representamos a dinâmica da produção de leitura.

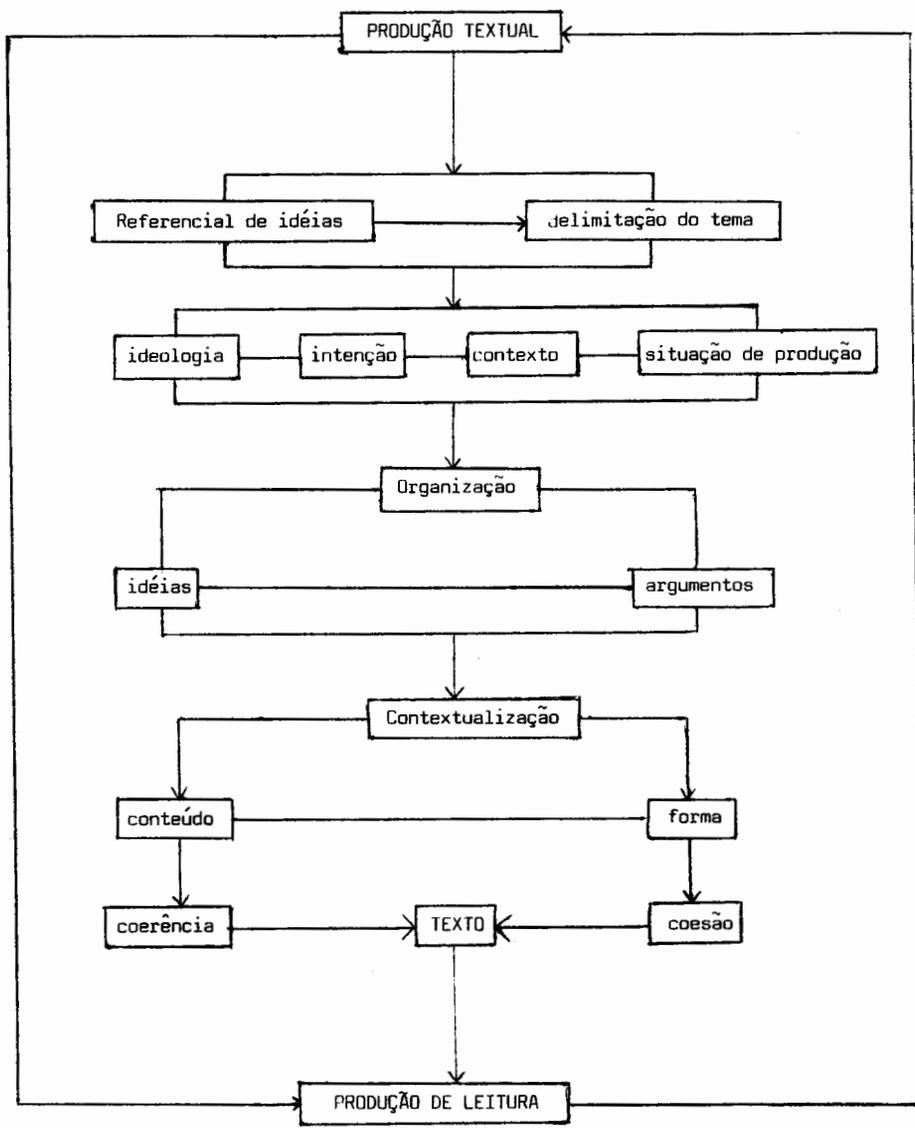


## Metodologia para a produção textual

Percorrendo as etapas da produção de leitura, o leitor armazena um referencial significativo de idéias, capacitando-se, desta forma, para a produção textual a qual, por sua vez, também vai exigir uma metodologia própria que, a seguir, é explicitada.

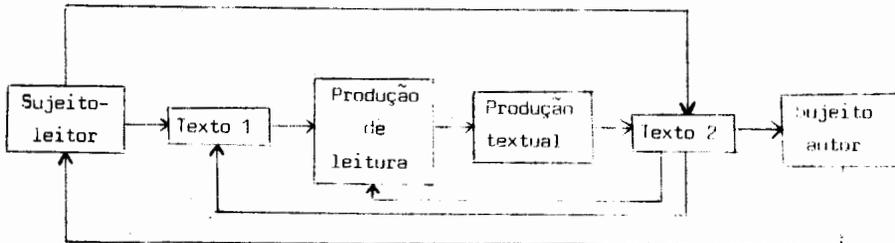
- 1 - A primeira etapa para a produção textual consiste na delimitação do tema, a partir dos diferentes assuntos que foram objeto da produção e que concorreram para a constituição do referencial de idéias.
- 2 - A seguir, o sujeito-autor define seu posicionamento frente ao tema e a intencionalidade que assumirá frente a seus prováveis leitores, decorrendo daí a definição de sua situação de produção.
- 3 - A etapa subsequente consiste no levantamento e seleção das idéias e argumentos pertinentes para sustentá-las.
- 4 - Sucede-se, então, a organização destas idéias e argumentos em um esquema, que se constitui no plano do texto a ser produzido.
- 5 - Segue-se a contextualização, isto é, a fase da produção textual propriamente dita, vista sob duplo enfoque: do conteúdo (discussão, análise, questionamento de idéias e postura crítica) e da forma (precisão e adequação vocabular, seleção de operadores lingüísticos da argumentação, estruturação frasal, clareza, correção, concisão).
- 6 - Finalmente, percorridas as etapas anteriores, o sujeito-autor procede à análise de sua produção textual, testando a organização de suas idéias, a coerência de seus argumentos e a coesão dos recursos formais utilizados.

Assim, produção textual vem a ser a situação em que o sujeito-autor realiza a contextualização de idéias e argumentos que se inter-relacionam, num arranjo pessoal, apresentando organização e coerência, com o objetivo de produzir um texto que revele seu posicionamento. Esta contextualização se materializa através do objeto-texto, produto final do processo de produção textual.



O sujeito-autor, então, defronta-se com o resultado final de sua produção: o texto-processo transforma-se em texto-produto, e o sujeito-autor transforma-se, por sua vez, em sujeito-leitor de sua própria produção textual.

O processo que teve início com a produção de leitura, desencadeando a produção textual, encerra-se com a produção de leitura do texto produzido. Assim, o sujeito-autor torna-se o primeiro leitor de seu próprio texto. Este processo pode ser representado pelo esquema abaixo.



É nesta perspectiva que entendemos a leitura como suporte para a produção textual, pois esse ciclo dinâmico, acima analisado, possibilita ao indivíduo, numa relação dialética, exercer-se criticamente, interagir com o mundo, produzindo seus próprios textos.

### Aplicação da metodologia da produção de leitura

Para aplicar a metodologia da produção de leitura, utilizaremos o texto "22 de abril - Descobrimto do Brasil", publicado no Correio do Povo, Porto Alegre, em 21 de abril de 1983, o qual possibilita tanto a leitura do texto ilustrativo quanto a do texto lingüístico. (Ver o Texto na página seguinte).

#### 1. LEITURA COMPREENSIVA

Inicialmente, procedeu-se à leitura compreensiva do texto, abrangendo o texto ilustrativo e o texto lingüístico. Tal leitura é fundamental, pois encontram-se associados, constituindo um único texto, a reprodução de uma tela pintada na 2a. metade do séc. XIX, alusiva a um fato ocorrido no séc. XVI, e um texto lingüístico produzido em 1983. Faz-se necessária uma leitura compreensiva global antecedendo à leitura interpretativa das partes constitutivas.

#### 2. LEITURA DO TEXTO ILUSTRATIVO

##### 2.1 Leitura interpretativa

##### 2.1.1 Relações textuais

##### 2.1.1.1 Levantamento de idéias e argumentos

## CP 31/04/73 22 de Abril - Descobrimento do Brasil.



Os brasileiros têm motivos para comemorar os 483 anos do descobrimento. Estamos construindo um país onde cada um de nós, com seu esforço e trabalho, possa satisfazer suas aspirações. A construção desse país não se faz num dia nem num século. A história é feita passo a passo, com a participação de todos. Sempre identificados nos objetivos comuns: liberdade, independência, ordem e progresso, uma sociedade democrática e pluralista, uma vida melhor para nós e para nossos filhos.

### **Brasil: do descobrimento aos nossos dias, Ordem e Progresso.**

Através dos elementos que compõem a ilustração, pode-se concluir que se trata da celebração de uma missa, no seu momento mais importante, o da consagração.

Esse texto ilustrativo foi interpretado através dos elementos que o compõem - objetos e pessoas. Inicialmente, foi feito um levantamento dos objetos. Verificou-se que ele apresenta um altar que está erguido no ponto mais elevado, sobressaindo-se do todo. Nesse altar, encontra-se uma cruz, muito grande, sólida e bastante destacada enquanto que, aos pés do altar, encontra-se uma arma sobre um baú. Esse último grupo de objetos ocupa o centro do texto e evidencia-se por estar isolado.

A seguir, dois grupos de pessoas foram identificados - os portugueses e os índios - os quais foram analisados a partir de quatro critérios, a saber: seu envolvimento na missa, sua atitude, sua vestimenta e sua disposição espacial.

Enquanto os portugueses, vestindo roupas tipicamente européias que identificam sua posição social (trajes civis, religiosos e militares), encontram-se concentrados em torno do altar, em atitude de respeito e adoração, participando plenamente da missa, os índios, dispostos em círculo e à parte, como que ignorados pelos portugueses, revelam, através de seus trajes, pertencerem a uma civilização muito diversa e parecem ser espectadores curiosos e surpresos de um espetáculo estranho. Não parecem atemorizados. Apenas um deles apresenta-se em atitude de prontidão.

#### 2.1.1.2 Explicitações dos implícitos (inferências)

A partir dos dados identificados na etapa anterior (2.1.1.1), podem-se estabelecer as inferências que seguem.

- O altar marca a importância do ato de posse e a cruz muito grande e destacada é o símbolo da posse, equivalente à Bandeira.

- Assim como o momento da consagração, na missa, representa a transformação do pão e do vinho em Corpo e Sangue de Deus, da mesma forma, dá-se a transformação da terra dos índios (Pindorama) em terra dos portugueses (Terra de Vera Cruz) em nome de Deus.

#### 2.1.1.3 Relações contextuais

##### 2.1.1.3.1 Reconstituição do contexto sócio-político-econômico da época.

A interpretação do texto leva a reconstituir o contexto sócio-político-econômico da época. Os portugueses, no século XVI, viviam o período das grandes descobertas e das grandes navegações, motivados pelo desejo de encontrar novas terras, alcançar fabulosas riquezas, divulgar a fé cristã e, sobretudo, movidos por motivos político-econômicos. Estas grandes descobertas vieram a ocasionar profundas alterações no cenário político-econômico europeu: a riqueza das novas terras favoreceu a consolidação das monarquias absolutas de Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda.

##### 2.1.1.3.2 Situação de produção

A "Primeira Missa no Brasil" foi pintada por Vitor Meireles, natural de Santa Catarina (1832-1903), no período de 1859 a 1861, para um público brasileiro. A obra encontra-se no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

##### 2.1.1.4 Relações intertextuais

O texto ilustrativo, "Primeira Missa no Brasil" de Vitor Meireles, permite estabelecer relações com outros textos, tais como textos da História do Brasil

que remetem ao Descobrimento do Brasil, às grandes descobertas, à ação catequéticas dos jesuítas, à carta de Pero Vaz de Caminha e a textos atuais que refletem sobre a História do Brasil.

## 2.2 Leitura Crítica

### 2.2.1 Intencionalidade

A intenção de Vitor Meireles, ao pintar a "Primeira Missa no Brasil", foi a de celebrar a chegada dos portugueses e, através da representação do ato religioso em seu momento mais importante, marcar significativamente a posse da nova terra.

### 2.2.2 Ideologia

A ideologia que subjaz à "Primeira Missa no Brasil" é a do colonizador que, ao chegar à nova terra, se julgou culturalmente superior. Tal "superioridade" lhe facultou o direito de se apossar da terra com a aceitação passiva dos primitivos habitantes.

### 2.2.3 Posicionamento crítico

Os portugueses "descobriram" a nova terra e, como donos, desconsideraram os primitivos habitantes, impondo-lhes sua cultura. Surge, em consequência, a situação de dominador x dominado; de colonizador x colonizado e esta dominação se dá pela fé (cruz) e pela força (armas), elementos constitutivos do poder português.

## 3. LEITURA DO TEXTO LINGÜÍSTICO

### 3.1 Leitura interpretativa

#### 3.1.1 Relações textuais

##### 3.1.1.1 Levantamento de idéias e argumentos

As idéias que esse texto apresenta são:

- "Os brasileiros têm motivos para comemorar o descobrimento do Brasil".
- "Brasil: do descobrimento aos nossos dias, ordem e progresso".

Os argumentos que sustentam estas idéias são:

- construção de um país;
- satisfação das aspirações individuais com esforço e trabalho;
- a história é feita passo a passo;
- objetivos comuns: liberdade, independência, ordem e progresso;
- sociedade democrática e pluralista;
- vida melhor para todos.

##### 3.1.1.2 Operadores linguísticos da argumentação

###### 3.1.1.2.1 Sujeitos

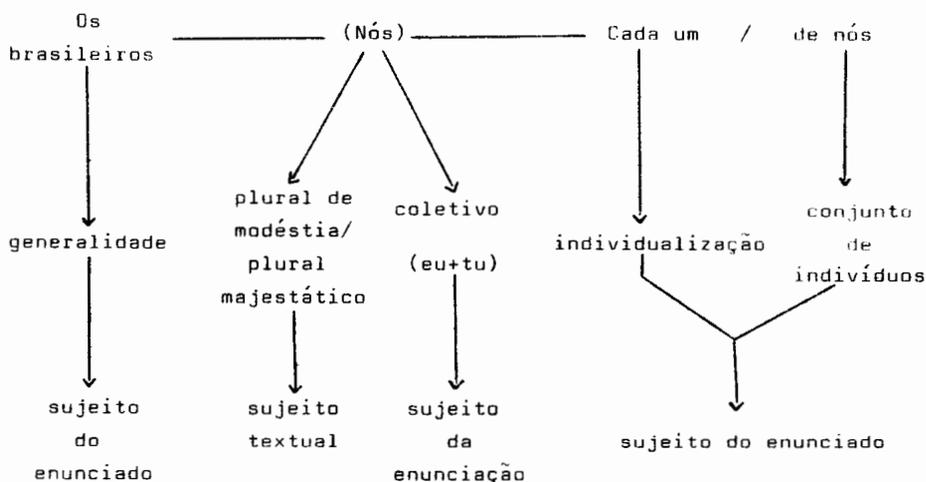
Inicialmente, procedeu-se à identificação dos diferentes sujeitos do texto, os quais foram submetidos a uma análise linguística que possibilitou uma melhor interpretação do texto em questão.

Dos sujeitos identificados, foram resgatados os três primeiros, por apresentarem, em comum, o traço "+ animado":

- "Os brasileiros têm motivos..."
- "(Nós) estamos construindo um país..."
- "... onde cada um de nós... possa satisfazer..."

Esses sujeitos foram comparados para melhor perceber como o texto se estrutura em torno deles.

□ esquema que segue reproduz esta análise.



Na classificação dos sujeitos, acima analisados, utilizamos a conceitualização proposta por Eni Orlandi. Segundo a autora, entende-se por sujeito do enunciado, "o que deriva da análise do contexto linguístico"; sujeito da enunciação "o que deriva da análise do contexto de situação"; sujeito textual "o que deriva da consideração do texto como um todo, isto é, do contexto textual" (1983: 185-6).

A análise do sujeito "nós" possibilita, conforme verifica-se no esquema apresentado, várias interpretações e, conseqüentemente, várias classificações:

- a) visto como plural de modéstia, procura evitar o tom impositivo da afirmação;
- b) visto como plural majestático, enfatiza a expressão de poder;
- c) visto como sujeito coletivo, compartilha com os leitores a ação expressa pelo verbo, sendo, desta forma, porta-voz do pensamento coletivo.

A definição entre estas interpretações só poderá ser estabelecida a partir do relacionamento deste com os demais operadores lingüísticos da argumentação.

No enunciado

"Sempre identificados nos objetivos comuns...", buscou-se fazer a reconstituição dos termos ausentes, obtendo-se o seguinte enunciado:

"...nós estivemos/estamos/estaremos identificados...". Através dessa reconstituição, obtivemos uma locução verbal cujo sujeito é "nós". Esse sujeito também apresenta a marca "+ animado" e admite várias interpretações conforme o "nós" anteriormente analisado.

A seguir, procedeu-se à análise dos sujeitos dos seguintes enunciados:

"A construção não se faz num dia nem num século"

"A história é feita..."

que apresentam, em comum, o traço "- animado" e são sujeitos da passiva. Ambos são sujeitos de seus respectivos enunciados, sendo que o primeiro apresenta a peculiaridade de não explicitar o agente da passiva.

### 3.1.1.2.2 Sujeitos/Verbos

Nesta seção, procedeu-se à análise das formas verbais, bem como ao relacionamento que estas estabelecem com seus respectivos sujeitos

SUJEITO	VERBO	COMENTÁRIO
1. Os brasileiros ↓ generalidade	têm... ↓ presente do indicativo ↓ plano da realidade	A afirmação categórica, expressa pelo modo indicativo, se impõe a todos os brasileiros.
2. (Nós) ↙      ↘ pl. modés      coleti tia/ pl.      vo (eu majestáti      +tu) co	estamos construindo... ↓ locução verbal ↓ presente progressivo	O sujeito "nós", qual quer que seja sua interpretação, relaciona-se com o presente progressivo, expressando a continuidade do processo de construção que teve início em 1500.

SUJEITO	VERBO	COMENTÁRIO
<p>3. cada um/de nós</p> <p>↓                    ↓</p> <p>individua    conjunto lização    de                   indivíduos</p>	<p>possa satisfazer...</p> <p>↓</p> <p>locução verbal</p> <p>↓</p> <p>Presente do subjuntivo</p> <p>↙                    ↘</p> <p>modaliza + plano das dor                    possibili                                   dades</p>	<p>A locução verbal, com um modalizador no modo subjuntivo, revela que a realização do indivíduo não pertence ao plano da realidade, mas ao das possibilidades. O autor do texto, numa operação de "flechagem", aponta em direção ao leitor (cada um de nós). A modalidade discursiva estabelece o jogo entre o ser e o parecer.</p>
<p>4. A construção</p> <p>↓</p> <p>sujeito paciente</p>	<p>não se faz...</p> <p>↓</p> <p>presente do indicativo</p> <p>passiva sintética</p> <p>↓</p> <p>plano da realidade</p>	<p>Se o emprego da voz passiva dificulta a identificação do verdadeiro sujeito da ação expressa pelo verbo, o uso da passiva sintética enfatiza ainda mais este ocultamento. O emprego do indicativo reforça a continuidade do processo de construção.</p>
<p>5. A história</p> <p>↓</p> <p>sujeito paciente</p>	<p>é feita...</p> <p>↓</p> <p>presente do indicativo</p> <p>passiva analítica</p>	<p>A ação verbal, categoricamente expressa pelo indicativo passivo, é atribuída a um sujeito que não a realiza, minimizando a força do verdadeiro sujeito que aparece sob a forma de agente da passiva (com a participação de todos).</p>

SUJEITO	VERBO	COMENTÁRIO
6. (Nós) ↙ ↘ pl. de mg coletivo déstia/ majestá tico	(estivemos, estamos e estaremos) identi ficados ↓ locução verbal	O sujeito "nós" está rela cionado com a locução ver bal que, pela omissão do verbo auxiliar, indica tempo indeterminado, por tanto, abrangente.

### 3.1.1.2.3 Pronomes possessivos

Observou-se também o emprego dos pronomes possessivos e seu relacionamento com o sujeito.

"Estamos construindo um país onde cada um de nós, com seu esforço e trabalho, possa satisfazer suas aspirações."

Se o sujeito nós de "estamos construindo" realmente incluiu o leitor, portanto o coletivo, seria de se esperar que os pronomes possessivos também estabelecessem esta relação; no entanto, o emprego do possessivo na 3ª pessoa (seu, suas) remete para "cada um" e não para "nós", isto é, remete para o individual e não para o coletivo.

### 3.1.1.2.4 Nexos linguísticos

O texto, com exceção do nexa linguístico onde, construiu-se com frases simples, sem uso de nexos. Tal ausência atenua as relações que se estabelecem entre as idéias. Frases simples descomprometem o autor do discurso, o qual torna-se menos marcado.

Reconstituindo-se os nexos ausentes, teríamos:

"Estamos construindo um país onde cada um de nós, com seu esforço e trabalho, possa satisfazer suas aspirações; (ENTRETANTO) a construção desse país não se faz num dia nem num século. (PELO CONTRÁRIO) a história é feita passo a passo, com a participação de todos".

Tais nexos estabelecem uma relação de oposição entre as idéias do texto. Conseqüentemente, ao omiti-los, o texto assumiu uma aparente neutralidade.

O pronome relativo onde é o único nexa linguístico utilizado neste texto, o qual estabelece uma oposição nítida entre dois planos distintos: "nós" x "cada um de nós".

### 3.1.1.2.5 Advérbios e locuções adverbiais

Entre os operadores linguísticos da argumentação utilizados neste texto, temos a ocorrência de advérbios e de locuções adverbiais.

"...não se faz num dia nem num século".

A repetição da negação se constitui num recurso enfático para reforçar a idéia de continuidade que vem expressa pelas locuções adverbiais "num dia" e "num século".

Cabe aqui apontar para a função desempenhada por nem. Trata-se de um operador argumentativo escalar e sua utilização significa que a continuidade é por tempo indeterminado e se projeta para além do século.

A locução adverbial "passo a passo, expressa no enunciado "a história é feita passo a passo", serve igualmente para sublinhar a idéia de continuidade.

A falta da marca temporal na locução verbal "sempre (estivemos/estamos/estaremos) identificados...", determinada pela supressão do verbo auxiliar, é resgatada pelo emprego do advérbio "sempre" que expressa a idéia de continuidade da ação através dos tempos.

3.1.1.2.6 Ao proceder-se à análise dos sujeitos do texto, deixamos deliberadamente de definir a classificação do sujeito "nós" (de "estamos construindo") porque, somente após concluído o levantamento e a análise dos operadores linguísticos da argumentação, teríamos condições de decidir acerca da interpretação e classificação deste sujeito.

Com base na interpretação dos pronomes possessivos, na oposição dos modos indicativo/subjuntivo e no uso do pronome relativo, procurou-se definir esta classificação. Quando os pronomes possessivos foram analisados, verificou-se que a opção pela terceira pessoa do singular (seu-suas), remete para o indivíduo e não para o coletivo. A opção por essa estratégia discursiva traz, como consequência, a exclusão do leitor do sujeito "nós". Esta observação fica reforçada pelo emprego do modo subjuntivo exclusivamente para referir-se ao indivíduo, de tal forma que as afirmações que a ele se referem remetem ao uso do relativo "onde". Esse nexos linguístico separa com clareza os dois tipos diversos de sujeito representados respectivamente por "nós" e por "cada um de nós". Essa separação faz ressaltar que o indivíduo não está incluído naquele aparente sujeito da enunciação (eu = autor + tu = leitor). Esse conjunto de estratégias discursivas possibilita descartar essa alternativa. Deve-se, então, apreciar a alternativa do sujeito textual. Conforme vimos anteriormente, o sujeito textual é decorrente da percepção do texto como um todo. Nesse sentido, o sujeito "nós" é o sujeito textual que remete ao discurso do sistema, o qual pode ser identificado através de suas afirmações categóricas, veiculadas através do emprego do modo indicativo.

A classificação de sujeito textual é igualmente válida para o sujeito "nós" pertencente a locução verbal "sempre (nós estivemos/estamos/estaremos) identificados...".

### 3.1.1.3 Explicitação dos implícitos (inferências)

O trabalho realizado, até então, permitiu levantar inferências, das

quais transcrevemos algumas.

- 1 - Nenhum brasileiro deixa de ter motivos para comemorar os 483 anos do descobrimento.
- 2 - Todos os brasileiros estão satisfeitos.
- 3 - Considera-se o Brasil só a partir da chegada dos portugueses.
- 4 - O sujeito "cada um de nós", ao mesmo tempo que individualiza os brasileiros, procura falsamente incluir a presença do sujeito textual.
- 5 - Ao "nós" (= sistema) compete construir, isto é, decidir e planejar; ao "cada um" (os indivíduos) compete executar decisões determinadas por "nós" (= sistema), isto é, participar da construção idealizada pelo sistema mediante trabalho e esforço.
- 6 - O sistema não se responsabiliza e não cria condições para que os indivíduos satisfaçam suas necessidades, transferindo-lhes esta responsabilidade, o que gera, no indivíduo, sentimento de culpa frente aos seus insucessos.
- 7 - Ao mesmo tempo que o sistema enfatiza o esforço e o trabalho como fatores primordiais para a realização pessoal, desaquece a economia, gerando recessão, desemprego, sub-emprego. A proposta do discurso se anula na prática.
- 8 - Se, mesmo decorridos 483 anos do descobrimento, o Brasil ainda não atingiu o progresso desejado, isto cabe exclusivamente a não participação de todos com trabalho e esforço.
- 9 - 483 anos, por outro lado, indicam que se trata de um país jovem e não se pode esperar que tudo esteja pronto; portanto, tenhamos calma e paciência: "a história se faz passo a passo".
- 10 - O contexto sócio-político-econômico do país (FMI, multinacionais, acordo nuclear...) indica que os brasileiros não gozam de liberdade e independência.
- 11 - "Liberdade e independência/Ordem e progresso" constituem dois binômios que se opõem, pois, se o progresso é determinado pela ordem, esta, por sua vez tolhe a liberdade e independência.
- 12 - Uma sociedade em que todos não podem decidir seus destinos nem são chamados para opinar, não se pode considerar democrática e pluralista.
- 13 - A promessa de uma "vida melhor para nós e nossos filhos" se constitui numa chantagem emocional que visa manipular a vontade popular.

#### 3.1.1.4 Relações contextuais

##### 3.1.1.4.1 Situação de produção

Este texto, publicado no Correio do Povo, no dia 21 de abril de 1983, de autor desconhecido, destina-se aos leitores deste veículo e tem como objetivo comemorar o descobrimento do Brasil, ressaltando a construção do país que se inicia a partir desta data.

##### 3.1.1.4.2 Contexto sócio-político-econômico

A análise do contexto sócio-político-econômico do Brasil-1983 revela um país subdesenvolvido, enfrentando sérias dificuldades econômicas que geram graves conseqüências para o brasileiro e dificultam seu processo de desenvolvimento.

### 3.1.1.5 Relações intertextuais

O relacionamento deste com outros textos estabeleceu-se através de textos jornalísticos, textos de televisão, textos informativos, pronunciamentos governamentais no período eleitoral.

## 3.2 Leitura crítica

### 3.2.1 Intencionalidade

Apresentar os motivos que todos os brasileiros têm para festejar os 483 anos de descobrimento, apontando aos leitores os motivos para essa comemoração, comprometendo-os na continuidade da construção do país.

### 3.2.2 Ideologia

Entende-se por ideologia um conjunto de princípios e normas que orientam a ação de um indivíduo ou de um grupo. A ideologia presente no texto em análises é "a construção do Brasil depende do trabalho de todos os brasileiros e as realizações individuais estão na dependência do esforço de cada um". Esta é a ideologia da classe dominante que tenta justificar a realidade, mistificando-a e camuflando as verdadeiras aspirações e necessidades do povo, mascarando a verdadeira situação do país.

A mistificação se propõe a convencer que tudo está bem e em ordem; que não há conflito; basta esforçar-se para atingir suas metas. Desta forma, cada um é responsável pelo seu próprio sucesso ou pelo seu insucesso.

### 3.2.3 Posicionamento crítico do leitor

Os brasileiros não gozam de liberdade e independência, conforme pretende o texto, porque, embora hoje historicamente independente, é econômica e politicamente dependente de estrangeiros. Isto gera, conseqüentemente, um quadro de dificuldades como, por exemplo, desemprego, desqualificação profissional, más condições de vida, marginalização, o que demonstra claramente não constituirmos um país que goze de liberdade e progresso.

Os brasileiros não vivem numa sociedade democrática e pluralista, pois não há participação de todos na tomada de decisões. O sistema é que decide para todos e por todos.

A satisfação das aspirações individuais não depende do esforço e do trabalho de cada um, porque as oportunidades são desiguais e as poucas oportunidades existentes sequer garantem a satisfação das necessidades básicas individuais.

Portanto, os brasileiros não têm motivos para festejar os 483 anos de

descobrimto.

#### 4. RELACIONAMENTO ENTRE A PRODUÇÃO DE LEITURA DO TEXTO ILUSTRATIVO E TEXTO LINGÜÍSTICO

Para estabelecer esta relação, partiu-se do material levantado nas etapas anteriores, o que possibilitou um posicionamento pessoal final, abrangendo o texto na sua globalidade.

Assim como foi constatada a relação de dominados-dominadores (Brasil, 1500), da mesma forma esta relação foi constatada, através da leitura do texto lingüístico.

Cabe ainda acrescentar que, em 1500, os colonizadores portugueses possuíam supremacia cultural, o que lhes possibilitou dominar os nativos. Hoje, num primeiro nível de análise, a dominação se estabelece internamente, através de uma elite que centraliza o poder e que domina a maioria da população brasileira que, impedida de participar das decisões, contribui para a manutenção desta situação.

Externamente, num segundo nível de análise, a dominação se estabelece, no Brasil, através de interesses estrangeiros.

Daí que a afirmação "Brasil: do descobrimto aos nossos dias, ordem e progresso" se constitui em mais um fator de camuflagem, cujo objetivo é esconder este duplo mecanismo de dominação a que o povo brasileiro está submetido.

Portanto, continuamos hoje tão primitivos e dominados como os índios em 1500.

#### Produção Textual

As metodologias, anteriormente expostas, foram aplicadas junto a um grupo de alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os exemplos utilizados para ilustrar a aplicação da metodologia de produção de leitura foram colhidos em sala de aula, durante a realização da experiência.

Para ilustrar a produção textual, selecionou-se parte de um texto produzido pela aluna Dorothee de Bruchardd, do Curso de Magistério - séries iniciais, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que está reproduzido abaixo.

Por que este texto ao lado deste desenho? ou por que este desenho para ilustrar o texto? E por que os dois, para comemorar a data do descobrimto, numa época em que a crise atinge seu clímax?

O que há em comum entre estes dois instrumentos?

Creio que, olhando bem, o autor mesmo resumiu sua idéia, sintetizando-a:

"Brasil: do descobrimto aos nossos dias, Ordem e Progresso".

A idéia de ordem e progresso é subjacente ao desenho. Simplificando, este último apresenta-se:

Deus, valores abstratos  
clero, colonizadores (ativos)  
nativos (passivos)

Sugere a ascensão, o progresso do homem em direção ao abstrato. A Cruz, enquanto símbolo de Deus, de perfeição, representa valores a serem alcançados.

Já no texto, temos "objetivos comuns: liberdade, independência..."; os valores não se inserem na história humana, mas voam acima dela, são objetivos.

Para alcançar a Cruz, o progresso, o homem segue uma ordem, aqui bem demonstrada enquanto hierarquia: primeiro o poder, os brancos, os fortes. Depois "os outros", os nativos.

Tudo parece tão lógico e harmônico nesta ordem silenciosa! Apenas a presença, não muito ostensiva, de armas (que parecem ter substituído os valores enquanto diretrizes de uma caminhada) lembra que talvez esta ordem tenha um preço.

No texto, encontramos "um país onde cada um de nós, com seu esforço e trabalho, possa satisfazer suas aspirações". Compreendo melhor esta idéia ao cotejar com o desenho. Isto é, fica claro que é vital para a ordem e o progresso duas posições contraditórias. Por um lado, o objetivo deve ser comum. Por outro lado, o trabalho e o esforço têm medidas diversas: o trabalho do indígena não é o trabalho do poder, as aspirações também não.

Cada qual no lugar que lhe é destinado, cada qual fazendo o esforço que precisa, cada qual aspirando somente ao que deve, seguindo o objetivo determinado pelos que estão mais capacitados a figurar perto dele. Os famosos "nós".

A mesma idéia rege, portanto, uma gravura antiga de 400 anos e um texto atual. O Brasil continua procurando atingir um objetivo. O que aconteceu nesse lapso de tempo não é tão importante, pelo visto. Afinal, "a construção desse país não se faz num dia, nem num século". Mas o importante é que ele sempre tenha ordem e progresso.

---

#### BIBLIOGRAFIA

1. ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa: Presença, 1974.
2. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1981.

3. KOCH, Ingedore G. Villaça. A argumentatividade no discurso. Letras de Hoje. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1983, nº 16.
4. FERREIRA, Maria Cristina Leandro. "Leitura crítica da gramática da Língua Portuguesa: visão lingüístico-ideológica." Diss. Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1982.
5. MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 1981.
6. ORLANDI, Eni Pulcinelli. "A produção de leitura e suas condições." Leitura: teoria & prática. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2, nº. 1 (abr. 1983), 20-5.
7. SAVIANI, Dermeval. Educação brasileira: estrutura e sistema. São Paulo: Saraiva, 1975.
8. SILVA, Czequiel T. da. O ato de ler. São Paulo: Cortez, 1981.
9. \_\_\_\_\_, Leitura e realidade brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.